



Mino Carta

Sem justiça social, sem democracia

É impossível ter democracia num país em que as diferenças sociais são tão profundas, onde o poder age conforme a idéia de que “aos amigos tudo, aos inimigos a lei”

PENSANDO NA POLÍTICA QUE se desenvolveu no Brasil entre os anos de 1984 e 2005, considero que “redemocratização” é uma palavra muito mal colocada. Acho que, depois da ditadura militar, não houve redemocratização.

A tragédia brasileira foi o golpe de 1964, que interrompeu um processo que, mais cedo ou mais tarde, poderia levar à criação de um partido de esquerda autêntico e à construção de sindicatos realmente fortes, que poderiam iniciar um processo de execução de transformações profundas na vida do País.

O golpe foi, de certa forma, preventivo. Houve a percepção de que essas mudanças poderiam acontecer e já havia o risco da Revolução Cubana, que então se desenhava no horizonte e que poderia, de alguma forma, contaminar toda a América Latina. Nesse contexto, a extrema direita deu um golpe, e a tragédia começa aí.

A redemocratização, que ao meu ver não ocorreu, foi, na verdade, um processo que ignorou as reivindicações das campanhas das Diretas-Já, e não, como pode parecer, um resultado dessas campanhas. Foi uma outra forma de golpe, contra a vontade popular, expressa com clareza na campanha pelas diretas. Levou a uma solução muito pouco democrática e manteve o status quo. Até hoje pagamos pelo golpe de 1964.

Os últimos vinte anos foram claramente marcados pelos efeitos desse golpe. Continuamos vassalos dos Estados Unidos, com uma economia dependente, atrelada ao Fundo Monetário Internacional, praticando uma política que não deixa o Brasil crescer e que, ainda por cima, aumenta as diferenças sociais, consagrando a prática da injustiça social.

É impossível ter democracia num país em que as diferenças sociais são tão profundas e brutais, onde o poder age sempre conforme a idéia de que “aos amigos tudo, aos inimigos a lei”. Não há democracia.

Um país que tem lideranças como Antônio Carlos Magalhães, José Sarney, Fernando Henrique Cardoso, evidentemente não pode ser um país democrático, e seria um cinismo dizer o contrário.

O governo Lula, por sua vez, não produziu as mudanças que eram de se esperar. Não espero mais, desse governo, uma condução alternativa para a história do Brasil, que entre no caminho de sanar efetivamente as desigualdades, dando condições para que o País cresça, erguido por uma população forte e bem instruída.

Não vejo o futuro do Brasil com muito otimismo. Estamos na véspera de uma eleição que, conforme acredito, reconduzirá Lula à presidência. Votarei em Lula, porque entre ele e um tucano sempre serei Lula. Mas no fundo eu sei que nada vai mudar, até porque nos quatro anos – que se completarão agora – em que Lula foi presidente ele reproduziu na essência, em questões centrais e determinantes, o receituário neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, mantendo a mesma política econômica conservadora. Continuamos na mesma. O País cresce pouco, muito aquém de seu potencial, e esse crescimento se dá por uma política econômica que só favorece mesmo o mercado, que está fundada em suas leis.

O endeuamento do mercado é uma idéia insuportável para mim, ainda mais neste nosso tempo marcado por acirradas desigualdades sociais. É uma coisa que eu não consigo entender e que prejudica profundamente um país superfavorecido pela natureza, como o Brasil. É um patrimônio extraordinário, jogado fora.

Não vejo, no horizonte de um futuro próximo, sinais de que ocorrerão as transformações radicais de que precisamos na política. Pelo que parece, esse foi um sonho que veio se destruindo ao longo dos últimos vinte anos.